

# Inquérito às bases sobre temas polémicos provoca “sobressalto” na Igreja

O Papa quer ouvir as bases e a hierarquia sobre divórcio, uniões entre pessoas do mesmo sexo e adopção por parte destes casais. Há quem fale em “sobressalto”, quem mostre mais cautela. Bispos reúnem-se hoje em Fátima, onde deverão decidir como pôr o inquérito em prática em Portugal

**Igreja Católica**  
 Maria João Lopes

**A**na Campos, engenheira química, 54 anos, é uma católica convicta que ainda sofre por não poder comungar nem receber a absolvição sacramental da confissão. À luz da doutrina, não o pode fazer porque é divorciada e recasada. Depois, porém, de ter encontrado as Equipas de Santa Isabel, um grupo de pessoas com histórias semelhantes que se reúne na zona de Lisboa com o padre Robson Cruz, aprendeu a aceitar melhor a situação.

“Para mim foi bastante complicado não casar pela Igreja, não comungar, não me poder confessar, foi horrível. Estava muito magoada com a Igreja. Questionava-me o porquê deste castigo. Com o tempo comecei a valorizar outras coisas. Ainda me custa aceitar, mas eles e o padre têm-me ajudado”, diz, referindo-se aos outros casais, que jantam juntos uma vez por mês para conversar sobre família e matrimónio.

Divórcio, contracepção, uniões entre pessoas do mesmo sexo

e adopção por parte destes casais são alguns dos temas fracturantes abordados num inquérito lançado ao mundo católico pelo Papa Francisco, para a preparação do Sínodo da Família em 2014. Embora a recolha de opiniões sobre temas actuais antes de um sínodo não seja uma total novidade, este inquérito, por pedir às bases que digam o que pensam sobre tópicos mais polémicos, mereceu maior atenção da imprensa e ganhou outros contornos.

“Antes de cada sínodo dos bispos, há sempre um documento preparatório, onde, para além de uma apresentação da temática, se fazem perguntas para auscultar a realidade e sensibilidade das igrejas locais, nos cinco continentes, a fim de que o assunto a tratar não fique em generalidades nem circunscrito à visão central de Roma”, explica o portavoz da Conferência Episcopal Portuguesa, o padre Manuel Morujão. “A novidade que causou uma reacção de grande interesse na opinião pública deu-se por dois motivos: porque, sendo o tema central a família, não podem deixar-se de lado temas ditos fracturantes como a contracepção, as uniões de facto, os casais que se separaram ou divorciaram, as uniões

entre pessoas do mesmo sexo, a educação dos filhos em famílias com os pais separados...”. Mas não só: “Desta vez foi pedida uma auscultação às bases da Igreja e não apenas à sua hierarquia”, esclarece, frisando que a forma como, em Portugal, se vai pôr em prática o apelo do Papa deverá ser acertada pelos bispos na reunião da Conferência Episcopal que começa hoje e termina amanhã, em Fátima.

O coordenador da associação Rumos Novos - Homossexuais Católicos, José Leote, não disfarça o regozijo: “Questionar-se as uniões homossexuais, a adopção por parte destes casais já são pequenos passos de abertura. A Igreja não se pode refugiar apenas na tradição e nos dogmas da fé, tem de ler os sinais do tempo”, diz.

Com 50 anos e a viver com um companheiro com quem se vai casar em breve, este professor de Português e Francês é “católico desde sempre”. “Sofri um afastamento compulsivo da Igreja, quando tinha 27 ou 28 anos foi-me dito que já não era bem-vindo. Cheguei a sentir um ressentimento maior do que fé, porque sempre me entreguei à paróquia, às suas actividades e mo-



vimentos. Mas interiormente não havia dilema para mim, era tudo exterior”, conta.

## Condição humana

Que mudanças poderá provocar o inquérito? O padre e professor da Universidade de Coimbra Anselmo Borges, crítico de várias posições oficiais da Igreja, considera que a Igreja vai continuar a afirmar a doutrina em relação ao ideal de casamento monogâmico, com base na fidelidade entre homem e mulher e aberto à procriação. Mas acredita que alguma discriminação que ainda exista em relação a filhos de pessoas que vivam em situação considerada irregular pela Igreja vai acabar; que vai haver mais abertura em relação

aos anticoncepcionais e também aos sacramentos, como a comunhão e a confissão, no que toca aos divorciados recasados. Anselmo Borges considera ainda que se vai promover a “compreensão”, mas não a abertura institucional às uniões de pessoas do mesmo sexo e à adopção de crianças por parte destes casais.

“Não é um inquérito só para bispos, mas para as bases, a partir das paróquias. Desta vez não são apenas os bispos, os cardeais, os teólogos, padres e os presbíteros, mas todo o povo de Deus. Nas bases há muitos movimentos, uns feitos com as hierarquias, outros não. E esses também vão ser ouvidos. É uma grande novidade”, diz o padre franciscano Carreira das Neves, professor ju-

Recasados encontraram nas Equipas de Santa Isabel uma nova forma de ligação à Igreja



TIAGO MACHADO

bilado da Universidade Católica, sublinhando ainda o conteúdo do inquérito: “Tem a ver com homem concreto, com o homem e com a mulher, com ser-se homossexual, heterossexual, com a condição humana”.

Questionado sobre o que pensa em relação a estes assuntos, diz que o importante é a discussão: “Os homossexuais devem ser felizes com os seus afectos, mas para mim a palavra casamento é muito forte. É uma questão minha, sentimental e cultural. A adopção também me custa um bocadinho, mas é um problema meu. Mas isto vai ser discutido, reflectido”. E interroga-se: “Porque se é divorciado e recasado não se pode comungar? Não sei o

que vai sair deste inquérito, mas o Papa quer saber estas coisas a partir das bases, é completamente revolucionário. É um sobressalto dentro da própria Igreja”.

Já o bispo D. Januário Torgal Ferreira recorda que, antes de um sínodo, os bispos recebem sempre questionários: “Não é uma coisa histórica. Gosto bastante deste Papa, tem um sentido de ruptura, e talvez seja por isso que isto veio tão a público desta vez”, diz, admitindo, porém, que o próprio Papa tenha querido que a iniciativa tivesse este eco, “para pôr as pessoas a discutir os assuntos, para chegar a muita gente, ganhando outra dimensão e não ficando só na esfera eclesiástica”.

Sobre o que responderá, o ex-

bispo das Forças Armadas diz que “seria deselegante responder aos jornais antes de responder ao Papa”, mas frisa que “o grande sentimento da Igreja foi sempre o de acolhimento”: “Compreender, não discriminar. Não gosto de verde, mas aceito-o, não o guerreiro”.

#### Família actual

Quando se fala, porém, em acolhimento não se está a falar em mudanças doutrinárias - a Santa Sé já avisou que o documento não é um referendo nem pretende debater questões doutrinárias, mas sim compreender como se pode actualmente “anunciar de maneira eficaz o evangelho da família”.

“Uma coisa é acolher e não rejei-

## “A Igreja não está a ser progressista se acolher as pessoas, está a ir às origens”

Filipe Rodrigues

Frade e padre dominicano

tar as pessoas pelo facto de a Igreja considerar que pequem. Se todos os pecadores não pudessem entrar nas igrejas, estas estariam vazias, incluindo os padres. Outra coisa é a Igreja mudar a sua doutrina, porque estes grupos poderão fazer pressão para isso. A Igreja não se considera uma empresa, não quer vender produtos ou serviços religiosos mais ajustados à realidade”, diz José Pereira Coutinho, doutorado em Sociologia pelo ISCTE-IUL, com uma tese sobre “Modernidade, religiosidade e universidade”.

Este investigador do centro de investigação em ciências sociais e humanas - NÚMENA - nas áreas da religiosidade, espiritualidade e socialização ressalva que a forma como a Igreja lida com divorciados, recasados, fiéis homossexuais, e com as crianças que vivem com estes adultos, depende do padre: “Há padres mais sensíveis a estas questões e prontos a acolher, a compreender, a esperar. Há outros menos sensíveis e menos dispostos a receber estas diferenças dentro da Igreja”.

Os casais divorciados recasados, que fazem parte das equipas de Santa Isabel, sabem que nem todos os padres têm a mesma abertura de Robson Cruz, pároco da comunidade do Alto do Lumiar de quem recebem assistência espiritual e que os faz sentirem-se integrados na Igreja.

Estes seis casais - na maior parte, já com filhos das anteriores e actuais uniões - vão tentando, com o tempo, adaptarem-se à ideia de não poderem voltar a casar pela Igreja, comungar, receber a absolvição sacramental nem representar a Igreja como padrinhos. “Quando aparece um casal novo, vem com esse sentimento de drama, como se fosse um castigo, uma penalização. Outros não entendem por que é assim. Mas vamos percebendo que a Igreja não se esgota na comunhão”, diz José Olímpio, advogado de 48 anos, também divorciado recasado.

Não há, porém, dúvidas de que a família actual coloca novos desafios aos párocos: “Hoje em dia nas reuniões com os pais de preparação da primeira comunhão dos filhos, tem de se perguntar se há alguns pais que não se possam confessar. Tem de se ter essa consciência, para não ferir susceptibilidades, porque já não há aquele modelo chapa da família católica tradicional”, diz Robson Cruz. Rita Albuquerque, arquitecta paisagista de 52 anos, que também está nas equipas de Santa Isabel, acredita que “a célula

da Igreja continua a ser a família”, mesmo que esta “esteja em cocktail”.

#### Primavera

Para Filipe Rodrigues, frade e padre dominicano, “a chave é o acolhimento”: “Só um padre cego é que não vê na sua comunidade casais do mesmo sexo, divorciados, recasados. A sociedade vai à igreja. E Jesus nunca condenou ninguém por a pessoa ser quem é. A Igreja não está a ser progressista se acolher as pessoas, está a ir às origens”, defende.

Teresa Toldy - professora da Universidade Fernando Pessoa, investigadora do Centro de Estudos Sociais, e doutorada em Teologia Católica - não hesitaria em responder “sim” à pergunta do inquérito sobre se simplificar o reconhecimento da declaração de nulidade do vínculo matrimonial poderia ser positivo (na prática, esta declaração reconhece que aquele casamento não existiu). “Há muitos católicos que se casam outra vez, pelo civil, que são muito felizes nesse casamento e que não se sentem obrigados intimamente a afastar-se da Igreja. Não se compreende que a Igreja não possa abençoar uma união muito mais feliz e que é mais a expressão de Deus do que a primeira”, frisa a docente, que é crente, mas não se posiciona numa linha conservadora.

Também o padre Carlos Paes, um dos fundadores das equipas de Santa Isabel e representante do patriarcado no Congresso Internacional para a Nova Evangelização, diz que podia ser positivo: “Há pessoas que chegam a estar anos à espera da declaração e que estão a trabalhar para que a nova aliança que têm seja bonita e construtiva”.

Quanto a crianças que vivam com casais do mesmo sexo, não só rejeita que sejam afastadas como defende que os padres podem dar um contributo: “Se a criança tivesse o pai um e o pai dois, procuraria ajudá-la a contactar com uma figura feminina, uma catequista, por exemplo... O mundo é masculino e feminino”.

Apesar de frisar que o inquérito não é uma total novidade, o médico José Manuel Pereira de Almeida, pároco de Santa Isabel em Lisboa, espera que dele possa sair alguma frescura: “Tenho esperança que seja uma Primavera que possa acontecer. No sentido de se consolidar, em termos das comunidades locais e de proximidade, o acolhimento e abertura. No sentido de maior verdade com o próprio Evangelho, de uma Igreja aberta a todas as periferias”.